



## **POR QUE OS MESTRES ESCUTAM AS PEDRAS?**

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL QUE ATUA NA RESTAURAÇÃO DE IMÓVEIS**

<sup>1</sup>**Régis Eduardo Martins** – regisemartins@gmail.com

Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais (CEFET – MG)  
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira.  
30510-000 – Belo Horizonte – MG.

<sup>2</sup>**Antônio de Pádua Nunes Tomasi** – tomasi@uai.com.br

Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais (CEFET – MG)  
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira.  
30510-000 – Belo Horizonte – MG.

**Resumo:** *Este artigo tem por finalidade apresentar a pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais, que investiga a trajetória profissional do trabalhador da construção civil que atua em obras para a restauração de imóveis antigos. Longe dos meios acadêmicos que debatem conceitualmente as práticas e os conceitos que irão reger os serviços nos canteiros de obras de restauro, este indivíduo é de extrema importância nesse campo; uma vez que o conhecimento sobre a arquitetura desenvolvida no passado mantém-se vivo entre membros dessa categoria profissional e é determinante em intervenções voltadas à salvaguarda do patrimônio cultural arquitetônico. O saber-fazer ligado às atividades desenvolvidas por estes mestres de ofício<sup>3</sup> de hoje, que por situações diversas foi e ainda é assimilado nos canteiros de obra, corresponde a uma prática essencialmente necessária à preservação do patrimônio. Nesse sentido, a proposição do estudo aqui apresentado, investigar a trajetória profissional de trabalhadores ligados à restauração, não tende a se prender em descrições de técnicas e procedimentos; mas em entender o processo que culminou num perfil profissional distinto dos demais trabalhadores, onde valores e saberes específicos foram difundidos entre os indivíduos estudados. Por meio do método de análise inferido, pretende-se encontrar subsídios para o entendimento da trajetória do trabalhador pesquisado, considerando os elementos que o diferenciam e aqueles que direcionaram o seu aprendizado para as técnicas construtivas antigas e não para o caminho comumente seguido no setor.*

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado em Educação Tecnológica – CEFET-MG.

<sup>2</sup> Orientador - Professor do Mestrado em Educação Tecnológica e líder do grupo de pesquisa PROGEST-CEFET-MG.

<sup>3</sup> O termo *Mestre de Ofício* antigamente estava relacionado à divisão profissional difundida pelas Corporações de Ofícios na Idade Média. A denominação “mestre” fazia alusão ao trabalhador que era detentor dos conhecimentos de determinada atividade manufatureira, dela dominava a técnica e fazia aprendizes; sob os quais este tinha poder e a responsabilidade de ensinar o ofício praticado em sua oficina. Na atualidade, o termo é usado para denominar indivíduos que dominam alguma atividade desenvolvida a partir de práticas artesanais ancestrais; como os trabalhos em estuque, carpintaria, alvenaria, entre outros praticados na construção civil. (Nota do Autor)



**Palavras-chave:** Educação Profissional, Trajetória Profissional, Construção Civil, Restauração de Imóveis, Patrimônio Cultural.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

Concernentemente à proposta deste estudo, primeiramente precisamos apresentar o “ambiente gerador” no qual se desenvolve a trajetória profissional do trabalhador estudado. Para tanto trataremos a construção civil sobre alguns aspectos a fim de descrever o setor, a origem e o perfil do profissional, os canteiros de obra, entre outros que se mostrarem pertinentes durante a discussão da pesquisa.

Historicamente a construção civil é um espaço dominado pelo baixo nível de escolaridade, alta rotatividade da mão de obra, índices elevados de desperdício de material e de acidentes de trabalho. Também, é importante ressaltar que se tratar de uma área fortemente influenciada pelos ciclos de crescimento econômico do país, uma vez que por muito tempo foi o setor produtivo responsável por alavancar os índices de empregabilidade aferidos pelo Ministério do Trabalho.

Diante desse quadro desenvolveu-se por muito tempo, de um modo geral, um certo preconceito em relação à construção civil, seja enquanto campo de pesquisa no meio acadêmico seja quando se objetiva trata-la como setor produtivo de cunho industrial. Tomasi (1999) discorre sobre essa imagem negativa relacionada à área:

*Não obstante a contribuição de estudos econômicos, a imagem negativa do setor já estava definida, graças a sua dependência do uso da força física e do gesto artesanal do trabalhador que prevalecia às inovações tecnológicas, representadas na indústria, pela introdução de máquinas, equipamentos e componentes cada vez mais performantes que vão revolucionar não somente a fábrica mas a própria sociedade. (TOMASI, 1999, p. 22)*

É necessário observar que a construção civil ao longo do tempo não acompanhou o percurso de industrialização vista em outros setores produtivos. Nela prevaleceu o trabalho manual e o emprego de máquinas de pequeno porte; ao mesmo tempo em que não houve uma adequação à organização do trabalho contemporaneamente percebida no meio industrial. Também, cabe destacar que boa parte das pesquisas científicas destinadas à área dirige-se ao desenvolvimento de materiais, ao comportamento de estruturas e à pós-ocupação dos imóveis; não oferecendo de forma efetiva uma contribuição para o entendimento do setor quanto a sua composição humana. Tendo em vista as características peculiares do setor, bem como, os conhecimentos e a cultura ligada aos seus sujeitos integrantes; ainda pouco se sabe sobre os agentes responsáveis pela execução de obras, no intuito de entender quais as particularidades do seu saber, a sua interação com os outros membros de sua categoria e a sua adequação às tarefas empreendidas nos canteiros.

O trabalhador da construção civil difere bastante da mão-de-obra encontrada em outros setores produtivos ligados à atividade industrial. Segundo Tomasi (1999), *a mão-de-obra, por seu turno, foi garantida por uma população de migrantes e/ou imigrantes, basicamente de origem rural e habituada aos trabalhos duros e, de certa forma, aos procedimentos e ferramentas utilizadas na Construção.* Sendo assim, nem sempre o profissional em seu ingresso possui uma formação ou uma carreira estabelecida no setor. Na maioria das vezes o



indivíduo chega ao canteiro desprovido de conhecimentos sobre os serviços que lhes serão repassados. Diante desse quadro, em boa parte dos casos, o vigor físico e a disposição aos trabalhos duros são os fatores determinantes para a admissão do empregado.

Apesar das inovações tecnológicas e organizacionais inseridas no setor, ainda prevalece a formação profissional desenvolvida no local de trabalho, a partir de um aprendizado empírico e fundamentado na observação de outros profissionais. Sendo assim, o indivíduo, na maioria das vezes, não passa por treinamento preliminar e chega à obra normalmente na posição de ajudante. No dia-a-dia do canteiro, o contato com diferentes serviços e as relações pessoais estabelecidas entre seus pares proporcionam a mudança de posição, fazendo com o trabalhador ascenda para uma “classificação<sup>4</sup>” mais elevada à anteriormente ocupada. Em conformidade com esse entendimento, Barone (1999) nos diz que:

*Os trabalhadores estão agrupados, segundo sua qualificação e de forma hierárquica, em ajudantes, serventes, meios oficiais, oficiais, encarregados, mestres de obra e, acima, o engenheiro de obra. [...] Entre as diferentes categorias ocupacionais, há uma relação pessoal, não explicitada. A partir do nível e ‘qualidade’ dessa relação (‘boa/ruim’), os trabalhadores de menor qualificação vão sendo ‘escolhidos’ e inseridos no processo de aprendizagem do trabalho, realizado no cotidiano do canteiro de obras, conduzindo lentamente a uma mudança na escala da estrutura hierárquica de ocupações. (BARONE, 1999, p. 109)*

A mudança na escala hierárquica aludida pela autora tem a ver com a aquisição de saberes pelo profissional, que tende a situá-lo em determinado nicho entre as atividades comumente existentes na construção civil. Devido a isso, há uma setorização provocada pela natureza do ofício desempenhado, o que produz classificações como as de: ajudante, meio-oficial, pedreiro, carpinteiro, armador, instalador, pintor, encarregados e mestres de obra.

Campo dessas transformações, o canteiro de obras na construção civil é o cenário das relações profissionais e da produção em si. Nele, indivíduos de diversas origens e formações empreendem um trabalho dependente de um grande esforço corporal e de reconhecida periculosidade. Nesse contexto, o trabalhador do setor adquire os saberes necessários à execução dos serviços, ao mesmo tempo em que delineiam um perfil profissional característico; geralmente do sexo masculino, jovem e disposto a empregar sua força física como moeda de troca a ser paga pelo empregador. Como contribuição para essa descrição, Tomasi (1999) contribui com a assertiva seguinte:

*Atrasada, como querem alguns, ou um modo original de fabricação, como querem outros, o certo é que nos canteiros de obras da Construção Civil predominam, ainda hoje em todo mundo, atividades ‘simples’, perigosas, insalubres e que exigem grande esforço físico. Essas atividades definem a necessidade de uma mão-de-obra jovem, forte, “corajosa” e de “boa vontade” para conviver com tais condições, assim como para adquirir os conhecimentos necessários à sua execução. (TOMASI, 1999, p. 7)*

---

<sup>4</sup> É comum entre as empresas atribuir o termo “classificação” às posições ocupadas pelos trabalhadores. A expressão denomina o grau de qualificação do indivíduo e é maior conforme o conhecimento da tarefa a ser executada e o tempo de serviço. (Nota do Autor)



Outra característica destacada pelo autor citado tem a ver com a aparente ausência de transformações ocorridas nos locais onde ocorrem as atividades diárias da construção civil. Segundo o autor citado, *os canteiros de obras de hoje guardam grande semelhança com os da Idade Média, das grandes obras como, por exemplo, das catedrais que conhecemos daquela época. Asseguram a semelhança a grande dependência que a Construção tem da sua mão-de-obra, sobretudo qualificada, ou do trabalho artesanal [...]* (TOMASI, 1999, p. 10). Nas últimas décadas este quadro tem mudado, ainda que marcas fortes do trabalho artesanal possam ser facilmente identificadas.

Ao mesmo tempo, a lenta transformação no setor propicia alguns pontos positivos. A organização do trabalho reproduzida desde o período medieval tende a manter inertes saberes que são fundamentais para alguns ramos da construção civil, como o campo da restauração de imóveis.

As edificações antigas apresentam um caráter construtivo distinto dos métodos de produção utilizados na atualidade. A inexistência de uma cadeia produtiva de materiais de construção obrigava aos trabalhadores dos séculos passados terem um domínio acertado das técnicas a serem empregadas e da exploração de matérias-primas com as quais se obteriam os elementos constituintes do edifício. Normalmente, os materiais básicos a serem utilizados eram: a terra, a madeira, a cal, a pedra e, em menor proporção, o metal. Além desses, em alguns lugares, aproveitavam-se fibras vegetais, esterco bovino e entre outros que pudesse ser aproveitado eventualmente.

No caso do Brasil, a arquitetura produzida até o fim do período colonial foi fortemente marcada pelo caráter das relações mantidas com Portugal. A dependência econômica e cultural em relação ao Reino fez com que as edificações erguidas em terras brasileiras mantivessem uma marcante uniformidade, construtiva e arquitetônica, ao longo dos quase quatro séculos de domínio português. Nesse sentido, a construção de residências, edifícios públicos e religiosos, obras viárias e demais instalações, estiveram condicionadas a princípios criados na Metrópole e pouco sofreram modificações quando aqui desenvolvidas.

Apesar da corrente de modernização provocada pelas novas técnicas e materiais introduzidos a partir do séc. XIX, a dependência do trabalho manual não permitiu o abandono completo da herança construtiva portuguesa de imediato. Em regiões mais remotas do país, ainda é possível encontrar edificações produzidas com terra crua e matérias-primas vegetais, nas quais foram empregados métodos construtivos semelhantes aos encontrados em imóveis do período colonial. Sobre a predominância de tais características na construção civil, Hardman; Leonardi (1991) observam que:

*No século XIX e início do atual [séc. XX], entretanto, a construção civil ainda guardaria muitas das características da arquitetura do século XVIII. Na construção de casas residenciais, o trabalho ainda era artesanal, sendo empregados muitos artistas nos serviços de alvenaria e madeira, guarnecimento de janelas e balcões, utilização de ferro forjado, azulejos etc.* (HARDMAN; LEONARDI, 1991, p.39)

Se no passado a herança construtiva portuguesa foi considerada sinal de atraso e de um processo defasado de construir, na atualidade o desconhecimento das características das construções dos séculos passados, bem como dos materiais e técnicas utilizados antigamente, tem sido um dos maiores desafios na conservação do patrimônio arquitetônico brasileiro. Nesse sentido, a dificuldade em se encontrar profissionais com a qualificação necessária à execução de restaurações é um dos problemas recorrentes na construção civil voltada para a



área. As técnicas construtivas empregadas nos edifícios do período colonial estão em desuso em boa parte do país; além disso, o ensino de tais técnicas muitas vezes não faz parte do cotidiano das obras e de cursos de capacitação que atendem o setor.

No Brasil, pensando-se no mercado existente para a preservação do patrimônio edificado, poucas empresas do setor construtivo destinam suas ações somente para o restauro de edifícios. A grande maioria define a atuação no campo da restauração como uma atividade complementar, sem a exigência de manter um quadro profissional especializado para tal função. A falta de uma política sólida de investimentos na preservação aliado ao alto custo da mão-de-obra capacitada para a função são normalmente os maiores empecilhos para a consolidação do restauro como um setor promissor na construção civil, apesar do grande acervo de bens arquitetônicos em todo o país. Tal situação interfere diretamente na formação de trabalhadores para atuar na área, uma vez que não há continuidade nas medidas de incentivo criadas para atender a demanda de bens que precisam ser restaurados e, por consequência, não incentivam a formação de mão-de-obra especializada através de cursos profissionalizantes.

Com a evolução das técnicas construtivas e a inserção de materiais industrializados na construção de edifícios, as práticas derivadas da arquitetura colonial foram abandonadas gradualmente após as primeiras décadas do séc. XX na maioria das cidades brasileiras. No entanto, o saber fazer ligado às técnicas construtivas tradicionais sobreviveu em locais onde a renúncia definitiva destas não foi possível, seja por fatores econômicos que retardaram o desenvolvimento urbano local ou pela existência de edifícios que necessitassem de tais técnicas para obras de manutenções ou reformas e, posteriormente, nas restaurações promovidas pelos órgãos de proteção do patrimônio cultural.

Tais conhecimentos foram necessários às primeiras obras de restauro promovidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão chancelado pelo Estado para a proteção do patrimônio cultural brasileiro em atuação no país desde 1937. Conforme Márcia Chuva (2010) nos mostra no trecho abaixo, identificar profissionais que ainda detinham o saber relacionado às técnicas construtivas antigas foi fundamental para a restauração de imóveis.

*Para fabricação de materiais novos semelhantes aos 'primitivos', era necessário recorrer à mão-de-obra local que dominasse as técnicas antigas, como, no caso dos carpinteiros empregados [na restauração da casa na Rua do Amparo nº 28 em Olinda], agregando, assim, trabalhadores cujas funções, ofícios, conhecimentos e serviços não encontravam mais demanda, substituídos por produtos industrializados. Eles tornaram-se fundamentais nas restaurações, que necessitavam da produção artesanal de peças de carpintaria, serralheria, cantaria, por exemplo e, desse modo, populações desconectadas das malhas de controle do Estado por se encontrarem isoladas em suas próprias localidades foram sendo paulatinamente integradas. Essas pessoas foram identificadas e integradas como trabalhadores ou como fornecedores de peças de produção artesanal, inacessíveis por estarem fora do circuito comercial e produtivo. (CHUVA, 2010, p.3)*

Dessa forma, o IPHAN teve importante contribuição para que determinados ofícios praticados na arquitetura antiga continuassem a serem usados, principalmente, nas cidades chanceladas pelo órgão onde se encontram grande parte das edificações do período colonial. As orientações para a restauração destes imóveis influenciaram na manutenção de técnicas construtivas e materiais semelhantes aos originais, no lugar da simples substituição.



Condicionados por estes e outros fatores extrínsecos a esse debate, vários ofícios<sup>5</sup> tradicionais da construção civil ainda subsistem espalhados pelo país. Em Minas Gerais, principalmente na região das cidades do Ciclo do Ouro, diversos profissionais ligados a estas técnicas ainda podem ser encontrados, entre os quais boa parte têm sua atividade principal voltada a obras de preservação do patrimônio arquitetônico.

De imediato, sabe-se que estes trabalhadores normalmente possuem uma faixa etária mais elevada e aprenderam os ofícios tradicionais a partir do tirocínio *in loco*, apreendido a partir do contato com as técnicas construtivas antigas. O conhecimento adquirido, em boa parte dos casos, desenvolveu-se como comumente ocorre na construção civil, baseado na observação de outros trabalhadores em atuação e no cotidiano do canteiro de obras. No contexto que trata da forma de apreensão do trabalho, os autores, citados anteriormente, fazem a seguinte referência sobre a transmissão de saberes entre os indivíduos a serem pesquisados:

*Nota-se no sítio esta clara relação de transmissão do conhecimento, o qual se dá prioritariamente pela relação mestre/aprendiz. [...] Ainda dentre os profissionais identificados, notou-se a presença de alguns com tradição familiar no ofício ou ainda com aprendizado na Europa. (ALONSO; ARAÚJO, 2010, p.48)*

A transmissão do conhecimento conforme o registrado por Alonso; Araújo (2010) se assemelha bastante com o método difundido no período colonial, de acordo com a tradição difundida pelas Corporações de Ofícios da Idade Média. No Brasil, no entanto, cabia às irmandades religiosas e confrarias o papel desenvolvido pelas corporações, como regulador das atividades produtivas e do ensino dos ofícios (HARDMAN; LEONARDI, 1991).

Nesse quadro de transmissão de saberes, ao mesmo tempo semelhante pelo método de aprendizado mas distinto pelo caráter do serviço a ser realizado nas restaurações, é preciso compreender por que alguns trabalhadores da construção civil acabaram seguindo um caminho diferenciado, adquirindo assim uma qualificação distinta dos demais profissionais da área. É importante considerar também, que somente o contato com as técnicas construtivas do passado talvez não seja o fator determinante nesse quadro; haja vista que, em locais onde são encontrados imóveis construídos até a primeira metade do séc. XIX, a arquitetura antiga coexiste com a praticada após esse período.

Com isso, faz-se necessário aumentar o foco de observação para os fatores socioculturais estabelecidos em torno das funções exercidas no nicho da construção civil no qual se estabelece o recorte. O caráter de rememoração de um passado distante relacionado ao ato de restaurar um imóvel antigo pode ser um dos motivos a influenciar a escolha deste profissional, no intuito de restituir a sensação de estabilidade e continuidade provocada pela

---

<sup>5</sup> É importante ressaltar que o termo *ofício* no Brasil adquiriu conotações diferentes, dadas de acordo com o contexto no qual eram tratadas. De acordo com Luiz Antônio Cunha: “O termo *ofício* era empregado em três sentidos. No sentido mais estrito, o *ofício* era o conjunto das práticas definidoras de uma profissão (o *ofício* de carpintaria de casa, por exemplo). Em sentido um pouco mais amplo, *ofício* designava o conjunto de praticantes de uma mesma profissão (todos os carpinteiros de casa, por exemplo). Em sentido ainda mais amplo, finalmente, o termo *ofício* era sinônimo de corporação, abrangendo mais de um *ofício*-profissão (os carpinteiros de casa estavam na mesma corporação dos pedreiros, dos canteiros, dos ladrilheiros e dos violeiros)”. (CUNHA, 2000a, p. 42). Nesta pesquisa trataremos do termo *ofício* conforme a primeira definição apresentada, como um conjunto de práticas contidas em uma determinada profissão e capaz de conferir-lhe atributos característicos.



arquitetura. Com isso, podemos recorrer a Halbwachs (2006) no entendimento desse sentimento:

*A estabilidade da habitação e sua aparência interior não deixam de impor ao grupo a imagem pacificante de sua continuidade. Anos de vida comum passados num contexto a esta altura uniforme mal se distinguem uns dos outros, e se poderá duvidar que muito tempo tenha passado e tenhamos mudado imensamente no intervalo. Isso não está totalmente errado. Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto e construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo. [...]* (HALBWACHS, 2006, p.159)

Provocados pela ideia de uma continuidade estabelecida permitida pelos edifícios, este autor ainda nos infere que “quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele [...]” (HALBWACHS, 2006, p.163). Com isso, percebemos que a existência de locais onde se salvaguarda a arquitetura dos séculos anteriores pode influenciar nos indivíduos o intuito de manter vivos os laços com os objetos materiais que representam este passado. Nesse sentido, a opção pela atuação no restauro de imóveis antigos pode ter sido originada em uma experiência coletiva e não somente individualmente, conforme as oportunidades profissionais oferecidas ao trabalhador a ser estudado.

Ainda cabe discutir a constituição das atividades executadas pelos trabalhadores da construção civil que atuam na restauração a partir da concepção de ofício. No contexto estudado tratamos de práticas que não estão encerradas na fragmentação do saber, mas na exploração de todas as possibilidades técnicas envolvidas na recuperação de materiais e elementos a serem restaurados. Pela diversidade de soluções construtivas empregadas na arquitetura antiga, o profissional atuante nessa área precisa explorar habilidades que se dão em conjunto e não permitiriam aplicação do saber de forma dissociada. Para compreensão de ofício nos moldes tratados, recorreremos ao trecho abaixo referendado em Tomasi; Silva (2007):

*O ofício, portanto, no sentido que sempre balizou as práticas artesanais e que muitos sociólogos do trabalho ainda hoje reclamam, é o encontro de habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas a uma experiência. É, finalmente, o reconhecimento social da posse de um saber, de um saber-fazer, de uma identidade, construídos a partir desta tripla habilidade, esta experiência.* (TOMASI; SILVA, 2007, p. 6)

Estes autores recorrem à ideia de que o ofício tem a ver com o reconhecimento social que por consequência produz identidade, fato que concernentemente condiz com a proposta da pesquisa em andamento. Ao ser reconhecido pela função exercida no campo da restauração, o profissional a ser estudado adquire fundamental importância, uma vez que existe em todo o país um grande número de bens que demandam de preservação.

De acordo com a metodologia empregada no restauro, deve-se sempre preferir a manutenção de técnicas e materiais semelhantes aos originais. Segundo a *Declaração de Amsterdã* de 1975, “[...] é importante atentar para que os materiais de construção tradicional



*ainda disponível e as artes e técnicas tradicionais continuem a ser aplicados”* (IPHAN, 2004, P. 209). Igualmente, a *Carta de Restauo* de 1972, “[...] *uma exigência fundamental da restauração é respeitar e salvaguardar a autenticidade dos elementos construtivos da obra. Esse princípio deve sempre guiar as escolhas operacionais.*” (BRANDI, 2005, p. 244).

Por fim pretende-se na pesquisa empreendida entender que caminhos conduziram alguns trabalhadores da construção civil à atuação na restauração de imóveis, sendo que possivelmente esse ato não esteja limitado às situações vivenciadas nos canteiros de obra. Dessa forma, o tema abordado permite uma investigação de processo, no qual se desenvolve a formação do trabalhador diante sua natureza, suas características e as exigências existentes na trajetória profissional desse indivíduo; ao mesmo tempo em que possam ser encontradas motivações de cunho sociocultural na “opção” ou na “falta de opção” por este campo dentre outros no setor.

### **3. MÉTODO DE ANÁLISE USADO NA PESQUISA**

O desenvolvimento da pesquisa está sendo norteado por algumas concepções metodológicas necessárias à compreensão do objeto de pesquisa de forma a enquadrar-se no campo da educação profissional e tecnológica.

Na análise a ser inferida, sabemos que o trabalhador estudado domina competências<sup>6</sup> que o singulariza de outros de sua categoria, como: a habilidade para trabalhos detalhados, a compreensão do funcionamento das técnicas construtivas antigas, o conhecimento da possibilidade de uso e da limitação dos materiais de construção empregados nas edificações dos séculos passados, a posse de um senso artístico e estético razoavelmente elaborado e, também, uma vocação para trabalhos artesanais. Sem desqualificar o indivíduo que atua na construção civil convencional, que também constrói sua carreira a partir de experiências e conhecimentos específicos permitidos por sua atuação, entendemos que o profissional atuante na área da restauração necessita reunir alguns saberes que o qualifica<sup>7</sup> para tanto. Esse arcabouço de saberes são os que ao mesmo tempo o modifica e o distingue dos outros

---

<sup>6</sup> Acerca da análise das competências temos como uma das referências o trabalho de Isambert-Jamati, no qual entende-se que “[...] *aquele que é (que é reconhecido como...) competente, em relação ao que não o é, ou que o é menos, é aquele que domina suficientemente área na qual intervém para identificar todos os aspectos de uma situação nessa área e para revelar eventualmente as disfunções dessa situação. Mas, para ser ‘competente’, deve também, munido desses conhecimentos, poder decidir a maneira de intervir a fim de obter tal resultado com eficácia e economia de meios. Para intervir, deve apelar para técnicas definidas, cuja extensão de aplicação ele conhece. Na maior parte das vezes, não as criou, mas tem a possibilidade de modificar um elemento e combinar vários esquemas preexistentes, ajustando o uso ao caso tratado.*” (ISAMBERT-JAMATI, 1997, p. 104)

<sup>7</sup> Compreendemos que “*a noção de qualificação é construída com base na sociologia e, após um grande esforço para conceitua-la, parece haver, há algum tempo, um consenso entre os sociólogos de que se trata de uma noção em aberto, em evolução permanente, porque tem na noção de trabalho, esta também em aberto, uma referência fundamental. Assim, se antes se limitava ao saber e ao saber-fazer, e era, ainda, historicamente relacionada às operações de classificação dos trabalhadores e determinante dos seus salários, agora ela trata da especificidade do indivíduo, da sua originalidade, da sua trajetória profissional, da sua experiência, das suas capacidades e potencialidades. Seu caráter aberto de noção se mostra, portanto, importante para sua sobrevivência e para o estabelecimento de uma diferenciação em relação à competência.*” (TOMASI, 2004, p. 157)





membros de sua categoria profissional, permitindo o afastamento da prática que lhes é concernente daquelas que são comumente reconhecidas no segmento construtivo.

A luz desse entendimento, podemos inferir que os trabalhadores a serem estudados são transformados pelo seu trabalho; no sentido de que o caráter da atuação do indivíduo permite por meio de seus atos interagir com seu objeto de trabalho. Por consequência disso, *ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.* [...] (MARX, 1996, p. 297)

Na área da construção civil na qual se desenvolve este estudo, temos a oportunidade de conhecer que determinados indivíduos interagem com seu objeto trabalho e desta relação desenvolvem uma linguagem própria de atuação; como, por exemplo, no caso de *mestres canteiros*<sup>8</sup> que de acordo com o conhecimento popular “conversam” com as pedras para obter o produto final de seu trabalho. Este ato de “conversar com o objeto” se dá por meio do conhecimento estabelecido na experiência profissional e na interação entre homem e natureza. Nesse sentido, também podemos recorrer a Berger; Luckmann (2010) que nos oferece a seguinte compreensão:

*A expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifestações em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum. Estas objetivações servem de índices mais ou menos duradouros dos processos subjetivos de seus produtores, permitindo que se entendam além da situação face a face em que podem ser diretamente apreendidas.* [...] (BERGER; LUCKMANN, 2010 p. 52)

Dessa forma entendemos que a trajetória profissional do trabalhador da construção civil que atua na restauração decorre de uma construção social, na qual esse indivíduo é transformado ao mesmo tempo por sua prática e pelo meio no qual está inserido. Sendo assim, o ambiente gerador do agente a ser estudado tem incisiva influência sobre o caminho a ser seguido, no sentido de que diante se sua inexistência certas condições necessárias ao desenvolvimento dos conhecimentos voltados ao trabalho de restauro não surjam.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das perspectivas apontadas pela pesquisa, temos que os fatores que conduzem a trajetória profissional dos trabalhadores para o campo da restauração e não para os demais da construção civil é uma inter-relação entre as oportunidades profissionais e os saberes disponíveis a serem apreendidos. Sendo assim, o caminho seguido por este indivíduo se caracteriza por uma convergência entre habilidades possuídas e um ambiente gerador; ambiente este possivelmente relacionado a locais que dispõem de imóveis antigos.

Desta forma, o trabalhador inicia sua carreira comumente como um agente do meio (construção civil), exposto aos mesmos percalços existentes a todos os profissionais do setor. Porém, a possibilidade de adquirir os conhecimentos necessários à restauração transforma e caracteriza esse indivíduo de acordo com os valores existentes nesse campo. Com isso, a

---

<sup>8</sup> São chamados de *mestres canteiros* os profissionais dedicados à técnica da *cantaria*, método de trabalhar a pedra a fim de se produzirem elementos construtivos, como: colunas, guarnições de esquadrias, escadas, entre tantos artefatos produzidos.



posse do conhecimento advém de uma construção social, na qual objeto de trabalho e trabalhador interagem a partir de uma linguagem singular; constituída no cerne da própria transformação.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALONSO, Paulo H.; ARAÚJO, Guilherme M.. Técnicas Construtivas Tradicionais em Minas Gerais: Sítios, Localidades e Ofícios. In: CASTRIOTA, Leonardo B.. *Mestres Artífices da Construção Tradicional* – Minas Gerais. IPHAN/Monumenta, 2010. p. 37-62. Disponível em: <[http://issuu.com/alexisazevedo/docs/caderno\\_memoria\\_mg](http://issuu.com/alexisazevedo/docs/caderno_memoria_mg)>. Acesso em: 27 Ago. 2011.

BARONE, Rosa E. M.. *Canteiro-Escola: trabalho e educação na construção civil*. São Paulo: Educ, 1999. 400p.

BERGER, Peter L.; LUCKMANM, Tomas. *A Construção Social da Realidade*. 32º Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 248p.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia: Ateliê, 2004. 262 p.

CASTRIOTA, Leonardo B.. O Registro dos Mestres Artífices: Preservação do saber fazer da construção tradicional. In: CASTRIOTA, Leonardo B.. *Mestres Artífices da Construção Tradicional* – Minas Gerais. IPHAN/Monumenta, 2010. p. 23-36. Disponível em: <[http://issuu.com/alexisazevedo/docs/caderno\\_memoria\\_mg](http://issuu.com/alexisazevedo/docs/caderno_memoria_mg)>. Acesso em: 27 Ago. 2011.

CHUVA, Márcia R. R.. *Investigando as restaurações fundadoras do patrimônio: das práticas rotineiras às normas técnicas*. In: Nos Arquivos do Iphan - Revista eletrônica de pesquisa e documentação. IPHAN: Rio de Janeiro, 2010. 4p. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15823&sigla=Documento&retorno=detalheDocumento>; acessado em 20/02/2012 às 14h52min.

COSTA, Maria Cristina C.. *Sociologia – Introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2005. 416p.

CUNHA, Luiz A. *O Ensino de Ofícios Artesanais e Manufatureiros no Brasil Escravocrata*. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília Flacso, 2000a.

GALVÃO, Ana M. O.; LOPES, Eliane M. T.. *Território Plural: A pesquisa em história da educação*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010. 112p.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. 336 p.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL (IPHAN/BRASIL). CURY, Isabelle (org.). *Cartas patrimoniais*. 3.ed., rev. e aum. Brasília: IPHAN, 2004. 408p. (Edições do patrimônio).



ISAMBERT-JAMATI, Viviane. O Apelo à Noção de Competência na Revista L'Orientation Scolaire et Professionnelle – Da sua criação aos dias de hoje. In: ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie. (Orgs.). *Saberes e Competências – O uso de tais noções na escola e na empresa*. Campinas: Papirus, 1997. p. 103-133.

MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política*. Vol. I. Tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996. 473p.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª Ed. Lisboa: Gradiva, 2008. 284p.

SILVA, Ivone M. M.; TOMASI, Antônio P. N.. *Ofícios de ontem e ofícios de hoje: ruptura ou continuidade?* XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 29 de maio a 01 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE) - Grupo de Trabalho: Ocupações e Profissões. Disponível em [http://mtis2.ds.iscte.pt/09-10/textos%20exemplares/ruptura\\_ou\\_continuidade.pdf](http://mtis2.ds.iscte.pt/09-10/textos%20exemplares/ruptura_ou_continuidade.pdf); acessado em 29/02/2012 às 14h11min.

TOMASI, Antônio P. N. *A construção social da qualificação dos trabalhadores da Construção Civil de Belo Horizonte: um estudo sobre os Mestres-de-Obras*, Relatório de pesquisa - CNPq. Belo Horizonte, Fafich - UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *Da Qualificação à Competência*. Campinas: Papirus, 2004.

WITTORSKI, Richard. A Fabricação das Competências. In: TOMASI, Antônio P. N.. *Da Qualificação à Competência*. Campinas: Papirus, 2004. p. 75-92.

## **WHY DO MASTERS LISTEN THE STONES?**

### **RESEARCH ABOUT THE PROFESSIONAL CAREER OF THE WORKER THE HISTORICAL BUILDING RESTORATION**

**Abstract:** *This article aims to present the research in development the master's programme in Technological Education from the Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais, which investigates the professional career of the worker the building restoration. Away from the academia which discuss conceptually practices and concepts that will govern the services of the restoration, this worker is of utmost importance in the building restoration; once that knowledge about the architecture developed in the past remains alive between members of this professional category and is crucial in safeguarding of interventions aimed ancient architecture. The know-how related to activities carried out by today's masters, which in various situations was and still is assimilated in construction sites work, corresponds to an essentially necessary for the preservation of practice cultural heritage. In this sense, the proposition of this study, investigate the career of workers related to restoration, there tends to be hold in descriptions of techniques and procedures; but to understand the process that*



*culminated in a distinguished professional's profile in the civil construction, whereupon specific values and knowledge were disseminated among the individuals studied. By means of the method of analysis to be inferred, is expected to find subsidies for the understanding of the professional career searched, considering the elements that differentiates and those who directed their learning to the ancient techniques and not commonly followed in the path.*

**Keywords:** *Professional Education, Professional Career, Civil Construction, Building Restoration, Cultural Heritage.*